

## FORMAÇÃO LEXICAL: UM ENFOQUE DISCURSIVO NAS CAPAS DO JORNAL *MEIA-HORA*

Jonathan Ribeiro Farias de MOURA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho dedica-se a estudar algumas formações lexicais no Português Brasileiro, tendo como base de corpus as capas de notícias do Jornal Meia-Hora. Para tanto, intencionamos demonstrar como a materialização criativa de novos itens lexicais, - a saber (*bopecida, delegata, gatotráfico e bolagato*) - na língua se deve a uma necessidade discursiva (Pêcheux, 1975 e Orlandi, 1998). Pontuaremos conceitos como iconicidade lexical e mostraremos que os itens lexicais são formulados através de toda uma possibilidade que a língua permite, no entanto, isto soma-se com a arquitetura discursiva que o jornal planeja. Ao final do artigo, fazemos uma pequena reflexão sobre o que pontuamos ao longo deste artigo, mas também vemos os efeitos políticos-ideológicos que o jornal propaga ao vincular este tipo de notícia relacionado com os itens lexicais construídos.

**Palavras-chave:** Léxico. Discursividade. Jornal. Meia-Hora.

### Um enfoque Discursivo

O presente trabalho visa a conjugar as relações entre léxico e discurso baseando-se na língua em uso, no discurso jornalístico. E, por considerarmos a dimensão lexical efetivamente em uso, tomamos uma perspectiva Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1975) e o jornal Meia-Hora como objeto. Inicialmente, temos três questões:

- (a) O que tomaremos por Formação Lexical em uma abordagem discursiva?
- (b) Qual a necessidade de criar tais termos?
- (c) Quais efeitos político-ideológicos essas configurações entre palavra e notícia configuram?

Com fins didáticos, é necessário que se compreenda a peculiaridade de cada polo de análise, embora saibamos que não funcionem como categorias distintas, mas em atuação simultânea sobre a manutenção ou negociação dos significados, no caso, entre jornal e público-alvo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado pelo mesmo programa de pós-graduação e graduação em licenciatura e bacharelado pela mesma universidade. É membro do LABEDIS- Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som- liderado pela professora Dra. Tania Clemente de Souza.

Uma perspectiva discursiva está ligada a uma exterioridade, estabilizando um enunciado (estrutura) para associá-lo a um acontecimento. O léxico passa a ser de um conjunto de itens armazenados em nosso dicionário que são adquiridos através das relações pessoais.

Um enunciado que se acomoda ao contexto discursivo, estabilizando-se e executando medidas de aproximação da notícia com as relações imaginárias de uma comunidade leitora é fundamental para o processo de identificação dos sujeitos-leitores e a instituição jornal. A linguagem não é transparente, sua opacidade pode ser sintoma de um trabalho ideológico ao produzir uma relação imaginária com os objetos simbólicos que não se consubstancia, dada a esfera do esquecimento do sujeito do discurso, o que significa dizer, metaforicamente, que somos ecos e não uma voz originária determinada, conforme supõe o mito adâmico. A tarefa do esquecimento se dá pela dimensão da paráfrase - ou das cadeias das possibilidades do dizer - e da polissemia – deslizamentos de sentidos que implicam a condição de produção de um discurso dada a uma necessidade criativa de formar dizeres.

A discursividade do uso de itens lexicais no jornal *Meia-Hora* consiste no uso estratégico de palavras que emanam da cultura popular para fins criativos de maior simetria entre jornal e público leitor. O gesto parafrástico, isto é, a escolha lexical X e não Y se dá por uma necessidade discursiva que o jornal configura. Com efeito, aproveitando-se de um discurso lúdico, as informações direcionadas às classes C e D tornam-se mais complexas e exige dos sujeitos-leitores certo conhecimento prévio daquilo que está sendo noticiado na manchete de capa.

As determinações históricas do significado que assumimos inconscientemente encontram-se esparsas em propagações discursivas. Dessa maneira, para interpretar-se o significado móvel no jogo comunicativo, é necessário estar inserido num período histórico para possibilitar acesso ao sentido.

### **Iconicidade lexical**

A possibilidade de se falar de iconicidade lexical vem da discussão sobre se todo e qualquer signo é motivado, ou não. A literatura nos vem apontando que determinados tipos de signos têm na sua base uma motivação, como, por exemplo, a iconicidade sonora, caso das onomatopeias, de certas expressões e de verbos de caráter imitativo. Se por um lado, as

relações entre nomes e referentes são inteiramente convencionais, por outro, segundo Ullman (1964), existem, ao contrário, palavras as quais podemos chamar de motivadas, e de várias maneiras. A motivação pode estar nos sons, na estrutura morfológica da palavra, ou no seu fundo semântico. A motivação fonética é um recurso muito explorado pelos poetas que, em seus textos, fazem uso de aliterações, assonâncias, rimas, para obter diferentes efeitos de sentido; a motivação morfológica pode ser observada em palavras compostas como pen-friend [correspondente] – para usar o mesmo exemplo do autor –, a motivação semântica pode se realizar por meio de efeitos metafóricos como no caso da palavra bonnet [capot: boné] de um carro, que é motivado pela semelhança entre a peça do vestiário que se usa para recobrir a cabeça e o objeto referido. (ULLMAN; 1964. p.170-171).

No caso do jogo lexical nas chamadas de capa do jornal *Meia-Hora*, a motivação é de base morfológica e semântica. O que é interessante observar é que muitas das expressões presentes na capa do jornal são de uso corrente em jargão popular, mas algumas são criadas pelo jornal, jogando nessa criação, sobretudo, fatos do cotidiano. A apreensão do sentido dessas expressões, no entanto, depende da inter-relação entre os enunciados e as imagens que contextualizam a notícia.

Várias teorias trabalham com a questão da morfologia entrecruzada com a semântica. Teorias como a Morfologia Distribuída, a Linguística Cognitiva, entre outras. Para citarmos alguns trabalhos que enfocam formações lexicais semelhantes às que analisaremos mais a frente, damos como exemplo: Almeida, Andrade; Gonçalves (2010); Basílio (2003 e 2005); Gonçalves (2005). No entanto, de todos estes trabalhos nenhum deu relevância para questões discursivas. Ficaram apenas focados nas questões linguísticas sem se importar com as questões ideológicas e/ou discursivas.

### **Base para discursividade: a Análise de Discurso**

Vamos começar por como os itens lexicais funcionam discursivamente numa determinada teia discursiva construída pelo jornal. A linguagem verbal tem a característica de quanto mais segmentada, menos ela significa, ao analisar o funcionamento das palavras nas capas, estaremos não só olhando para a forma, mas também para a discursividade que o jornal propõe. A Análise de Discurso (doravante AD) de linha francesa é uma disciplina de entremeios. Ela é constituída pelo tripé entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. E esse entremeio, que é constituído de um lado pela Linguística Formal (estruturalismo, gerativismo)

e de outro lado o sociologismo (como a sociolinguística e o funcionalismo) faz com que a teoria esteja sempre questionando as demais correntes da linguística.

Dessa forma, é interessante ver como se constitui a discursividade do jornal *Meia-Hora*. É relevante observar a qual público leitor ele está direcionado, o preço, os tipos de notícias de capa, o quão objetivo é (é objetivo?) e como as notícias são formuladas. Essas manchetes são complexas por conta das várias artimanhas que são constituídas pelo léxico, pela imagem, pelo jogo entre léxico-imagem e contexto de produção.

### **Itens lexicais, discurso e capas**

O público leitor do jornal *Meia-Hora* são as classes C e D, o preço é bem popular- já foi R\$ 0,50 e atualmente custa R\$ 0,80- e o periódico é o terceiro em número de vendas no estado do RJ. O tabloide é conhecido pelas suas capas engraçadas e altamente criativas. Nas quatro capas aqui analisadas, podemos ver como os itens lexicais têm um funcionamento interessante em termos discursivos. As palavras “gatotráfico”, “Bopecida”, “delegata” e “Bola-Gato” funcionam dentro de uma teia discursiva que o jornal arquiteta para apresentar o tabloide. Ao fazer esse jogo de palavras mesclando itens lexicais, ou mesclando palavras com Imagens, o periódico cria um tom cômico e busca, com estas estratégias, cativar o leitor.

Ao trabalhar tais itens lexicais podemos ver que os tipos de notícias são sempre num tom humorístico. O jornal pode até retratar questões sérias, mas quase sempre retrata com um fundo de comicidade. Os sentidos são fluídos, as possibilidades de interpretação dependem do sujeito-leitor e os sentidos estão inseridos na historicidade dos fatos. Os sujeitos-leitores vão adequar o melhor sentido para que se apreendam os enunciados das capas levando-se em consideração o momento em que estão sendo formulada e as condições de produção. Importante ressaltar antes de começar as análises que não há um paradigma em relação à palavra-base, os itens lexicais aqui analisados terão a palavra-base a esquerda (gatotráfico) e a direita (delegata; bopecida). A palavra bola-gato sofre um outro processo, portanto não entrará nessa especificação.

Como por exemplo, a capa que utiliza a palavra “gatotráfico”.



Fig 1- Fonte: <http://www.meiahora.ig.com.br/>

Nessa manchete o jornal usa um histórico da palavra gato (gatonet, bola-gato) utilizado em outras capas do próprio jornal e desenvolve o termo *gatotráfico*, mas isto se dá por conta do conteúdo da notícia. É noticiado que um felino foi treinado para entregar entorpecentes para os bandidos dentro do presídio.

O que é interessante de observar-se nesse jogo lexical, é que a construção vocabular resultante não se define como mesclagem lexical. Tal conceito pressupõe a soma de dois formativos, como por exemplo, sacolé (saco+picolé); ou chafé (chá+café), não se revertendo a função sintática de cada formativo em si. Em *gatonet*, tem-se o roubo da rede; em *gatotráfico*, pode ter o sentido que quem é traficada são os gatos (como por exemplo, narcotráfico no qual as drogas são traficadas), contudo este sentido não é inscrito em razão da frase na parte de baixo da notícia e por ter a foto do gato, todo enfaixado com as droga, ao lado da parte verbal. O gato é o radical invariante e serve como base no processo de formação de palavras. Há um processo de relexicalização nesse vocábulo que atribui um outro sentido para a palavra gato, além de atribuir também o domínio do universo felino.

No conhecimento popular há uma ideia de que os gatos são traiçoeiros, perspicazes e gatunos este último termo é importante no processo de formação da palavra *gatotráfico*, porque o gato se torna um agente que burla as leis. Essa palavra, *gatuno*, entrou no

vocabulário no ano de 1727 segundo o *dicionário Houaiss da língua portuguesa* e possui um sufixo único assim como *fogaréu* e *marujo*. Gato é base lexical na palavra gatotráfico.

Acontece algo semelhante com a palavra *bopecida*.



Fig 2-

Fonte: <http://www.meiahora.ig.com.br/>

A reportagem retrata o período de conflito que houve na região da Vila Cruzeiro na cidade do Rio de Janeiro entre traficantes e oficiais do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais). Ao retratar outra notícia, a de que havia pacientes com dengue no meio do tiroteio, que tange a notícia sobre o conflito, o jornal recupera a ideia de inseticida. No entanto, ao invés de ser contra os mosquitos (da dengue) são contra os traficantes que são considerados “mosquitos do mal”. O periódico aproveita o radical *-CIDA* e adjunge à sigla formando assim Bopecida. Mas o radical possui um caráter de ser agentivo contra a base lexical (por exemplo: homicida, mata outro homem [pessoa]; bactericida, aquele que mata bactérias). Logo bopecida mata o próprio Bope? Não. Ele atua como “exterminador dos delinquentes”.

Em outro contexto, no plano da hipótese, pode haver um sentido para bopecida no qual o Bope morreria por participar de operações de alto risco, nos quais os seus integrantes certamente seriam alvos de bandidos e dessa forma, morreriam em confronto. No entanto não era o que ao jornal queria expressar nesta capa, uma vez que essa corporação é conhecida justamente pelo seu caráter violento e por não “falhar” em suas operações.

Em “delegata”. Ao trocar o fonema /d/ por /t/ (uma consoante sonora, por uma surda, respectivamente) a palavra ressignifica, ao invés de reportar sobre uma mulher que cumpre a função de delegada, a palavra apresenta uma delegada bonita, uma vez que a palavra “gata” funciona como adjetivo quando atribuído a algum ser humano. É um adjetivo que funciona como “bonito”, “belo”, por exemplo. Há nesta palavra uma clara evidência de mesclagem lexical. Nas palavras de Gonçalves o que é uma mesclagem<sup>2</sup>:

Apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na composição, *blends* diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases (e não pelo encadeamento). A composição preserva a ordem linear dos elementos formadores, de modo que a segunda palavra se inicia exatamente no ponto em que a primeira termina, como em ‘baba-ovo’ (“bajulador”), mesmo quando um segmento é apagado por crase (‘aguardente’), elisão (‘planalto’) ou haplogogia (‘dedurar’), a exemplo do que acontece nos compostos aglutinados (GONÇALVES, 2003, p. 150).

Daí se tem uma delegada que é individualizada pela beleza e se contrapõe às mulheres (mães de santo) que foram presas. O funcionamento discursivo desta capa está num binarismo entre bem X mal; feio X bonito existente. Ao realçar as características estéticas da delegada o jornal usa esse binarismo e até evoca uma ideia de conto de fadas quando usa os vocábulos como “mimindo” e “transformar sonho em pesadelo”. Este mecanismo recupera o posicionamento político-ideológico que há nos contos de fada e passa para o jornal de forma não direta.

---

<sup>2</sup> Blend ou mesclagem dão a mesma ideia de jargão dentro dos estudos brasileiros em Linguística Cognitiva



Fig 3- Fonte: <http://www.meiahora.ig.com.br/>

Nos três exemplos explorados e analisados até aqui vimos que as questões de formação lexical são claramente advindas de motivações que se atrelam às questões morfológicas e questões semânticas. Até aqui a iconicidade lexical respalda as formações dos itens lexicais. A iconicidade lexical dá-se quando há uma representação que deriva de algo já existente no mundo. O próximo exemplo destoa um pouco uma vez que o processo lexical não está em nenhum dos componentes da gramática (Fonologia, morfologia, sintaxe, ou semântica) uma vez que o nível de complexidade perpassa questão de sonoridade entre a língua portuguesa e a língua inglesa.

Por sua vez a palavra “bola-gato” tem uma maior complexidade e funciona através de Imagens na capa do jornal. No entanto, antes de chegar à materialidade das imagens, o periódico traça um percurso que parte da língua. Primeiro é interessante expor que essa expressão nasce com uma similaridade fonológica com as palavras em inglês *ball* e *cat*. Essas duas palavras juntas tem a semelhança com a palavra em português *boquete* que vulgarmente se refere ao ato de sexo oral. O que acontece é que as palavras em inglês são traduzidas e ressignificam como sexo oral em português brasileiro, em forma de gíria, desta forma temos bola-gato. É importante colocar que esse termo foi disseminado por um funk chamado *Aula de inglês* do grupo carioca *Bonde do Vinho*. Voltando à capa, as imagens representam as palavras, mas logo embaixo tem uma explicação para quem não está em familiaridade com o



termo. Desta forma, o jornal consegue criar uma maneira de falar sobre o sexo oral que a camelô ofereceu ao guarda para ajudá-la a incriminar o ex-namorado.



Fig 4- Fonte: <http://www.meiahora.ig.com.br/>

As escolhas lexicais têm uma relação intrínseca com as matérias reportadas no jornal. Há uma motivação discursiva para assim emergir os sentidos que as palavras reclamam. A relação entre imagem-palavra é possível por conta das relações imaginárias, essa só ocorre ao contrário do real, e têm um caráter “das representações que é a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição” (ORLANDI, 1998, p 74). Isto só pode ser

construído, além do conhecimento de mundo que o sujeito-leitor tenha, mas também pela teia discursiva que o jornal arquiteta.

As paráfrases na língua permitem dizer de outras tantas formas, o jornal reporta a notícia, todavia coloca-a de uma outra forma. Num trabalho que só é possível por questões e regras possíveis na língua (bopecida, gatotráfico e delegata) e por questões de conhecimento de mundo e de conhecimento compartilhado (bola-gato) e assim “Fala-se a mesma língua mas se fala diferente” (ORLANDI, 1998, p 81) estes processos parafrásticos é que permitem sempre falar de um assunto de uma forma variada. Há uma relação entre língua e o discurso como bem coloca o precursor da teoria AD, o francês Michel Pêcheux : “a língua pensada ‘como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história’.” (PÊCHEUX, 1975).

A partir daí se tem o funcionamento do discurso que o jornal instaura. É uma relação entre o Discurso Lúdico (ORLANDI, 1987, p.142) onde a polissemia é aberta e Discurso Polêmico (idem) onde a polissemia é controlada. Importante ressaltar aqui que a polissemia para a AD é diferente da polissemia geralmente trabalhada no âmbito linguístico. Nesta vertente a polissemia são os possíveis sentidos que uma palavra pode ter, enquanto naquela vertente são os movimentos de sentido e/ou as paráfrases que uma os enunciados podem sofrer.

### **Conclusão.**

Ao longo deste artigo, fomos discutindo e analisando as novas formações lexicais. Vimos na primeira parte a questão do enfoque discursivo e a relação com a iconicidade lexical. A divisão entre o signo ser arbitrário ou motivado são questões que vem antes de Saussure, em Platão e em Aristóteles isso já era discutido. No entanto, a questão da arbitrariedade é privilegiada pelo pai da linguística que discorre também sobre arbitrariedade relativa (como por exemplo, dezesseis, dez mais seis). O discurso é o meio pelo qual essa necessidade de gerar novos itens lexicais se apresenta para atrair o público alvo.

A necessidade de criar tais termos se dá pelo meio, ou seja, por um caráter discursivo. As capas do jornal poderiam ser formuladas por outros vocábulos de outras formas. Porém, ao criar as palavras (gatotráfico, bopecida, delegata e bola-gato) o jornal quebra com a expectativa de que uma instituição jornalística deve ser séria, imparcial e objetiva. Pelo

contrário, ao formar tais palavras o periódico utiliza de uma complexidade e de um conhecimento cultural muito específico. Tal complexidade se mostra pela escassez do significante em relação ao significado, como nas palavras gatotráfico, bopecida e delegata em que vemos também uma complexidade nos mecanismos linguísticos os quais são utilizados para tais formalizações. Na palavra bola-gato há uma relação sonora com as palavras de língua inglesa *ball* e *cat* e por uma semelhança sonora com a palavra boquete, por sua vez, é difundida como um conhecimento para um determinado grupo de pessoas (no caso homens de uma determinada idade, no caso, jovens).

Os efeitos políticos-ideológicos são inúmeros, um deles é que algumas pessoas desqualificam o *Meia-Hora* como jornal, justamente por ter esse caráter cômico em suas capas. Não percebem que essa maneira de formular as capas é apenas um modo de chamar atenção para envolver o público alvo. O tom cômico que estas possuem não podem ser atribuídas apenas pelas palavras analisadas, mas também pela diagramação e pelas imagens que rompem com o imaginário dos sujeitos-leitores do jornal que idealizam uma certa formalidade um “jeito” de se fazer jornal. Esta é uma questão fundamental de identificação para que assim tenha uma maior força em sua propagação e consiga angariar mais leitores. O jornal é famoso não só entre o público-alvo, mas entre os internautas e pessoas de outras classes sociais. O tabloide ganhou uma enorme visibilidade fora do RJ (lugar onde é distribuído) justamente por ter essa quebra de expectativa de uma instituição jornalística e também por suas criações popularescas.

#### ***LEXICAL DERIVATION: A FOCUS ON THE COVER OF NEWSPAPER DISCURSIVE MEIA- HORA***

***Abstract:*** *The present work is devoted to study some lexical formations in Brazilian Portuguese, based on the corpus covers news of Meia-Hora Journal. To this end, we intend to demonstrate how creative materialization of new lexical items - namely (bopecida, delegata, gatotráfico and bolagato) - the language is due to a discursive necessity (Pecheux, 1975 e Orlandi, 1998). Let's explain concept as iconicity lexical and show that lexical items are formulated through a whole possibility that the language allows, however, this is in addition to the discursive architecture that the newspaper plans. At the end, we make a small reflection of what we pointed out throughout this article, but we also see the political-ideological effects that the newspaper propagates to link this kind of news related to the lexical items built.*

***Keywords:*** *Lexicon. Discourse. Journal. Meia-Hora.*

#### **Referências**

<http://www.meiahora.ig.com.br/> Visitado em 14/05/2014

ALMEIDA, M.L.L., Andrade, K. E., & Golçaves, C. A. Se Macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfológica e semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português. In: **Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/RJ, volume 6, número 2. 2010.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. Editora Ática: São Paulo. 1987.

\_\_\_\_\_. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. In: **X Congresso da ASSEL-RIO**. Rio de Janeiro, 35 p. mimeo, 2003.

\_\_\_\_\_. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. In: **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**, 2005.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e Correspondência. In: **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2003.

MOURA, J. R. F. A relação do verbal e não-verbal nas manchetes de capa do jornal Meia-Hora. In: **Anais do Simpósio de Letras e Linguística**. Volume 3, número 1. Uberlândia/MG. 2013.

\_\_\_\_\_. O Funcionamento discursivo dos léxicos/imagens nas manchetes de capa do jornal Meia-Hora. In: **Revista da ALED Brasil**. Volume 1, número 1. São Carlos/SP. 2014.

\_\_\_\_\_. **Capas do Jornal Meia-Hora: análise discursiva do verbal e não verbal**. 87 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. Editora Brasiliense. São Paulo. 1983.

\_\_\_\_\_. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **Revista Rua**, Campinas, n 1, p. 35-47, mar.1995.

\_\_\_\_\_. **Princípios & Procedimentos** (1ª edição em 1998) Ed: Pontes. 10ª edição. Campinas, SP. 2012.

PÊNCHÉUX, M. **Semântica e Discurso**. (1ª edição em 1975) Ed. Unicamp. Campinas. 4ª Ed. Traduzido por Eni Orlandi *et al.* 2009.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Ed. Pontes, 6ª edição. Campinas. 2012

SOUZA, T. C. C. Discurso e Imagem. In: **Análise dos sistemas visuais**. Instituto de Artes e Comunicação Social/UFF. Niterói. 1997

\_\_\_\_\_. Análise do não-verbal e os usos da imagem na mídia. In: **Revista Rua**. Campinas/SP, número 7. 2001

ULLMAN, S. Semantics: an introduction to the science of meaning. In: **Barnes & Noble, Inc.**; reprint edition. 1964.

**Artigo recebido em abril de 2015.**

**Artigo aceito em maio de 2015.**